

Economia

NERY DE ROSSI SECRETÁRIO DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO

Seis novas indústrias no Estado

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT

Nery De Rossi falou sobre os projetos que serão anunciados e os impactos dos investimentos que vão alavancar a economia

Beatriz Seixas

“Desenvolvimento não acontece por acaso. Você tem que trabalhar para ele acontecer”. É perseguindo esse lema que o secretário de Estado de Desenvolvimento (Sedes), Nery De Rossi, completa um ano à frente da pasta responsável pela carteira de investimentos previstos para o Espírito Santo.

Cerca de 12 meses depois de ter falado sobre suas expectativas no comando do órgão, De Rossi revela agora as perspectivas de projetos para 2014 e faz um balanço de 2013. Ao receber a reportagem de **A Tribuna** em seu gabinete, o titular da pasta aproveitou para dar boas notícias: o Estado vai ganhar seis novas indústrias.

O secretário, porém, faz mistério quanto às empresas que farão os investimentos e os municípios que irão recebê-los. Mas, na ocasião, aproveitou para falar sobre os empreendimentos que vão deslanchar em 2014, os impactos da perda de receita com Fundap e a busca constante por novos negócios.

A TRIBUNA — Qual a avaliação que faz neste um ano à frente da Sedes?

NERY DE ROSSI — Esse primeiro ano foi uma experiência excepcional, que permitiu o contato com a maior amplitude de empreendedores. Nesse período, tive a oportunidade de conviver com todas as áreas de governo, perceber esse grande momento que o Estado vive, que o governador chama de 4º Ciclo do Desenvolvimento Econômico.

Lembrando que o primeiro é o café. O segundo é o das grandes plantas industriais, como Vale, ArcelorMittal, Fibria e Samarco. E o terceiro ciclo que é o do petróleo.

> Desde quando assumiu a Sedes teve algum projeto que teve



NERY DE ROSSI faz mistério quanto às empresas que farão investimentos e os municípios que irão recebê-los. Mas fala sobre a busca de novos negócios

um gostinho maior de Vitória?

Os projetos são todos diferentes. Eles são muito difíceis de serem comparados, uns representam grandes investimentos, outros representam grande possibilidade de alocação de mão de obra, outros exigem esforços em termos de educação e treinamento.

Então, eu não diria que tenho um queridinho. Eu diria que todos eles têm características muito especiais. São como filhos que são diferentes, mas todos são filhos.

> Nesse tempo ficou algo para trás que queria ter realizado?

Tivemos alguns dissabores durante o ano. Tínhamos algumas montadoras que vinham negociando conosco e por motivos que nos foram repassados acabaram trocando de planos. Motivos compreensíveis, mas nem por isso deixaram de ser dolorosos para quem trabalhou naquele processo du-

“Teremos projetos industriais que vão trabalhar com setores, alguns tradicionais outros novos setores na economia”

rante muito tempo.

> E para 2014, o Estado já projeta novos investimentos?

Estamos trabalhando com seis projetos que estão assim... (se eu puder usar o exemplo da aeronáutica) ... eu diria em rota de aproximação. Muito próximos do pouso. Devem ser divulgados dentro do primeiro semestre do ano que vem. O Espírito Santo está se tornando uma oportunidade com visibilidade nacional.

> Esses novos projetos são de que áreas?

Eu não vou citar as áreas porque acaba gerando especulação. Mas, vou dizer que são projetos de atividades diversificadas e vêm para complementar a cadeia presente.

> São de empresas de fora, são de empresas locais?

Estamos recebendo “players” internacionais, alguns nacionais em processo de mudança de localização e outros nacionais em processo de montagem de novas plantas.

> Os projetos seguirão a política de diversificação e descentralização do desenvolvimento?

Isso já está sendo conversado com os empreendedores, faz parte do processo. Neste momento, alguns deles ainda estão definindo a microárea, embora a área macro já esteja encaminhada, e seguem obviamente a nossa política de diversificação e de interiorização.

> Esses investimentos são indústrias?

Sim. São projetos industriais que vão trabalhar com setores, alguns tradicionais outros novos na economia capixaba.

Posso dizer que alguma coisa está ligada ao metalmeccânico, ao óleo e gás e certamente atraindo bastante oportunidades para a geração de empregos.

> Além desses novos negócios, que grandes projetos vão deslançar no Estado em 2014?

A gente pode citar para 2014 mudanças significativas, visuais, que a população vai enxergar que é o início da produção da Volare, em São Mateus; o início das operações do Estaleiro Jurong, em Aracruz; provavelmente até o final do ano a inauguração da Bertolini, em Colatina; o início das obras da Tecnovidro, também em Colatina; o início das obras dos dois terminais portuários em Itapemirim: o Itaoca e o C-Port.

E um projeto que está em fase de obter a Licença de Instalação é o terminal industrial da Imetame, em Aracruz.

O Porto Central tinha previsão para o próximo ano. Mas, acredito que se acontecer alguma coisa vai ser muito no finalzinho.

> Tinha uma expectativa para 2013 iniciar a terraplanagem da UFN IV (Polo Gás-Químico), mas ainda não começou. O que aconteceu? Para 2014 essa expectativa deve se consolidar?

A gente imagina que se consolide para 2014, bem no finalzinho. A fábrica de fertilizantes, em Linhares, já está com o terreno disponível, estamos liberando a questão

dos gasodutos necessários para a instalação da planta. Então, se a Petrobras disser: “Vamos começar”, ela poderia a qualquer momento.

Mas soubemos que eles tiveram algumas dificuldades com o projeto básico da planta.

A companhia contratou uma integradora de projetos, afinal cada um dos produtos que serão produzidos na UFN IV possuem uma planta que é patente de um fabricante.

Então, tem que pegar as várias plantas e colocar juntas num mesmo sistema. Para isso, a Petrobras contratou uma empresa para fazer a integração dos processos que são comuns como eletricidade e água.

> Tem algum município que o senhor acredita que vai ser a “menina dos olhos” do Estado?

Temos perspectivas de novos investimentos em São Mateus, Colatina tem sido um polo de atração por conta da mão de obra e da posição na Sudene. Linhares já tem uma posição bastante consolidada. Nós atraímos a fábrica de cápsulas de café para Jaguaré. E Sooretama com a Itatiaia.

Nós imaginamos que esses polos em São Mateus, Colatina, Linhares e Aracruz são polos que se consolidarão em 2014.

E, no sul do Estado, pela ausência do incentivo federal, temos a visão de que o Porto Central, em Presidente Kennedy, juntamente com o C-Port e Itaoca, ambos em Itapemirim, podem formar no Sul capixaba uma grande plataforma logística englobando inclusive a região de Cachoeiro.

“O Espírito Santo está se tornando uma oportunidade com visibilidade nacional”



SETOR AUTOMOTIVO: duas empresas em negociação com o Estado

Economia



SETOR PORTUÁRIO: secretário Nery De Rossi destacou que no próximo ano projetos como o C-Port (Edison Chouest) e o Itaoca Offshore, ambos em Itapemirim, e o terminal industrial da Imetame, em Aracruz, vão ter suas obras iniciadas

> Quais portos deverão ser construídos primeiro?

Entre os portos que devem acontecer em breve são: C-Port, Itaoca, Jurong e Imetame. O Porto Central só para finalzinho de 2014, e no Petrocity os investidores estão pretendendo começar as obras no ano que vem, mas ainda tem processo de licenciamento ambiental.

> Uma das empresas que já se tem notícias de ter interesse em investir no Estado é a Agrale, do ramo automotivo. A Agrale de fato faz parte dessa carteira?

A Agrale tem se aproximado do governo do Estado. Nós percebemos que através da própria Marcopolo, que no seu produto final, o Volare, recebe um conjunto que se chama de chassi com o sistema de força, motor, eixo, caixa, rodas. Esse produto é produzido pela Agrale e representa acima de 50% do preço final do produto Volare.

Ou seja, você ter isso próximo é uma vantagem competitiva da Marcopolo. Então, nós sabemos que existiram conversas entre as duas empresas, o Estado já foi procurado, tem colocado as

possibilidades de atendimento e é um processo em negociação.

> Outro investidor que esteve aqui foi o príncipe árabe. Já tem uma perspectiva dele voltar?

O processo na Petrocity está em fase de análise para emissão do termo de referência para fazer o processo de licenciamento ambiental. Não faz sentido o príncipe voltar ao Brasil sem que esse processo esteja concluído. Isso deve acontecer durante o mês de janeiro.

> E as montadoras. O senhor citou que algumas mudaram os planos. Mas ainda existem montadoras em negociação com o Espírito Santo?

Temos sim, umas duas. E eu gostaria de fazer um comentário um pouco diferente. Nós temos a tendência de considerar que uma grande empresa automobilística seja uma das empresas tradicionais de fabricação de carros. Mas existe

um outro segmento que talvez esteja se transformando na vocação do Estado, que é implementos rodoviários. Volare é uma carroceria, cujo valor agregado chega a ser muito maior que do automóvel.

Se a Agrale se consolidar, ela pode ser um fornecedor importante para essa cadeia. Nós começamos a ter uma cadeia não de fabricação de automóveis, mas de fabricação de implementos rodoviários.

> Esse novo perfil da indústria automotiva tem a ver com as novas regras para o setor?

Todo o setor automobilístico sofreu influência da lei dos importados. Então, nós tínhamos aqui namoros bem mais adiantados com algumas empresas, que tiveram que rever projetos por conta de capital de giro. Afinal, a ideia dessas empresas sempre foi importar du-

rante um tempo para depois, com esse dinheiro, fazer a fábrica.

Como a importação ficou restrita, e ficou meio que trancada durante muito tempo, eles tiveram que reduzir as importações. Com isso, tiveram que montar todo um sistema de assistência

técnica reduzindo drasticamente o volume de importação, e consequentemente descapitalizaram. É por isso que várias pisaram no freio.

> Pode citar alguma?

Estava conosco a Jaguar Land Rover, mas tivemos a notícia de que ela foi para o Rio de Janeiro. Talvez fosse o processo de negociação mais antigo na Secretaria. A opção dos investidores por Itatiaia foi no sentido de estar mais próximos dos fornecedores. Então, é muito importante neste momento a gente atrair essas empresas de primeira e segunda geração, uma Librelato – fábrica carrocerias de caminhão –, mas junto com ela deve trazer, em um momento ou outro, um fabricante de eixo, um fabricante de rodas, entre outros.

> Outro projeto que tem sido anunciado, ainda que nos basti-

“O ano de 2014 tem o desafio de tentarmos equacionar as questões de logística no Estado”

dores, é o de uma refinaria. Ela vai ser anunciada?

Eu não vou citar nomes nem localização, mas a ideia é que a refinaria seja um equipamento destinado ao refino da produção ou de parte da produção terrestre do Espírito Santo, hoje de cerca de 15 mil barris por dia. Ela deve ser instalada no Norte do Estado.

> Esse empreendimento deve ter suas obras iniciadas em 2014 e operação em 2015?

A gente imagina que sim. Porque é um empreendimento que é relativamente fácil de ser montado. Você adquire módulos para que ele funcione. Provavelmente esses módulos sejam importados, sejam

montados no local e a partir daí iniciem a operação.

> Tem alguma refinaria no País neste modelo?

Não, nenhuma. Existia alguma coisa muito parecida, que é um equipamento que acho não estar nem em operação, que era a planta de processamento de gás da Petrobras em Lagoa Parda, em Linhares. Ela era toda feita em módulos.

> Como o Estado reagiu nesse primeiro ano com mudanças nas regras do Fundap e queda de receita?

Há um ano, sabíamos que o Fundap ia acabar e ninguém sabia o que ia acontecer. Já se passou um ano e nós já sabemos. Temos a percepção de que estrago econômico foi grande, mas o estrago físico não foi tão grande. Embora tenha ocorrido alguma redução no movimento do porto, imaginava-se que todos os atacadistas iam embora daqui. Mas estabilizou.

O comércio internacional é uma atividade muito importante para o

Espírito Santo quando se fala de Estado como plataforma logística.

A gente imagina que o Estado vai ter umas seis plataformas logísticas, considerando os modais ferroviário, rodoviário, portuário e aeroviário. Uma em São Mateus, a outra em Colatina, Linhares, Aracruz, Grande Vitória e a outra no Sul do Estado (Presidente Kennedy, Cachoeiro e Itapemirim). E essas seis plataformas logísticas, pelo tamanho do nosso Estado, fazem com que o Estado seja uma plataforma logística para o País.

> Tem algum tema que o senhor considere como o grande desafio para 2014?

2014 tem o desafio de tentar equacionar as questões de logística. Tem o desafio de efetivamente implantar os projetos que já foram divulgados, seja na parte física, de organização de trabalhos, de preliminares em alguns projetos ainda. E fica sempre o desafio de atrair novos investimentos.

OS NÚMEROS

180

é a quantidade aproximada de projetos na carteira da Sedes

120 bilhões

de reais é quanto somam os projetos previstos para o Estado

INVESTIMENTOS DISTRIBUÍDOS PELO ESTADO

SÃO MATEUS

EMPRESA	EMPREGOS
Marcopolo	300
Petrocity	2 mil
Fábrica de porcelanas Oxford	850

LINHARES

EMPRESA	EMPREGOS
Porto Norte	320
Capixaba (Manabi)	
Polo Gás-Químico	800
WEG	500
Librelato	300

ITAPEMIRIM

EMPRESA	EMPREGOS
C-Port Brasil (Edison Chouest)	500
Itaoca Offshore	500

SERRA

EMPRESA	EMPREGOS
Grupe	30
Internacional	

VILA VELHA*

EMPRESA	EMPREGOS
Superporto	2.500

SOORETAMA

EMPRESA	EMPREGOS
Itatiaia	1.200

PRESIDENTE KENNEDY

EMPRESA	EMPREGOS
Porto Central	3.500

JAGUARÉ

EMPRESA	EMPREGOS
Fábrica de café em cápsulas	250

PINHEIROS

EMPRESA	EMPREGOS
Placas do Brasil	500

ARACRUZ

EMPRESA	EMPREGOS
Terminal de GNL	140
Estaleiro Jurong	6 mil
Terminal Industrial Imetame	1.100
Carta Fabril	400

COLATINA

EMPRESA	EMPREGOS
Bertolini	500
ALX Indústria e Comércio de Alumínio e Derivados	150
Tecnovidros	150
Laboratório Bagó	100
Techno-Cells	300

Obs.: * O estudo para o superporto indicou Vila Velha, mas ainda é preciso que o governo federal bata o martelo sobre o local.

Fonte: Sedes e pesquisa A Tribuna